

# O TEMPO PROFUNDO E DRAGON DREAMING: A ESPIRITUALIDADE ABORÍGENE SUSTENTÁVEL DAS TRILHAS CANTADAS E DO SONHO.

Por John Croft

Fevereiro de 2011. Última atualização: 25 de Maio de 2012

Tradução (texto e figuras): Áureo Gaspar (Junho de 2012).

Título original: Fact Sheet Number #04 DEEP TIME AND DRAGON DREAMING: THE SUSTAINABLE ABORIGINAL SPIRITUALITY OF THE SONG LINES AND THE DREAMING

**RESUMO:** Sugere-se que, em uma cultura que é suicida, para obter uma melhor compreensão do que é a autêntica sustentabilidade, somos obrigados a ver através do espectro de uma cultura diferente. As culturas aborígenes australianas, indiscutivelmente sustentáveis por 70.000 anos, fornecem uma lente útil para tal propósito.



Esta versão e a obra original de John Croft estão licenciados sob uma licença [Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Permissões além do escopo desta licença podem ser solicitadas a [jdcroft@yahoo.com](mailto:jdcroft@yahoo.com).

## Sumário

PRÓLOGO.....	1
UMA INTRODUÇÃO À CULTURA ABORÍGENE.....	3
A INSUSTENTABILIDADE DAS CULTURAS CIVILIZADAS.....	5
SONHO: UMA VISÃO ALTERNATIVA DO TEMPO?.....	9
O SONHO ABORÍGENE, A ECOLOGIA PROFUNDA E O SER ECOLÓGICO.....	14
SONHO E SUSTENTABILIDADE.....	18
DESCOBRINDO SUA <i>SONGLINE</i> PESSOAL.....	20

## PRÓLOGO

Qualquer cultura que destrói o seu próprio sistema de apoio à vida em nome do progresso é suicida e funcionalmente insana, e não tem viverá muito tempo. É um pouco como serrar o galho em que você está sentado, chamando de progresso quando você aumenta a velocidade com que a serra funciona. Aqueles que participam de tal cultura, quando não fazem parte da solução, são parte do problema, e nesta situação o que se acredita ser a normalidade é, de fato, uma peça da demência. Vivemos em uma cultura ‘ecocida’ e consumista, a Civilização de Crescimento Industrial, que vê o progresso como o ato de transformar o tecido vivo da superfície planetária em dinheiro tão rapidamente como pode. A sanidade em tal situação suicida é vista como ‘alternativa’ se não ‘anormal’.

Os australianos têm sorte – não só têm um ambiente natural que ainda permanece intacto, mas também têm o incomparável patrimônio aborígene. Do ponto de vista ambiental, isso os torna duplamente ricos. Nossa cultura está passando por uma necessária mudança na visão de mundo, a mudança de ver tudo como um simples mecanismo sem vida para vê-lo como organismo – cheio de vida, mente, inteligência e alma. Esta realização é importante para o cientista convencional. Se nós definirmos a alma, como a ‘essência’ no âmago das coisas, então a alma está em toda parte.

Essa percepção estava presente nas visões pré-ocidentais do mundo, antes das grandes revoluções no pensamento associadas com o 'Iluminismo' europeu. Para essas pessoas, havia um evidente 'Anima Mundi' ou 'alma do mundo' que infundia toda a Terra – as pessoas, árvores, água e rochas, com capacidade de resposta e sabedoria. Conversando com os anciãos aborígenes, confirmamos e demonstramos como o 'Anima Mundi', a Alma da Terra, de 'Sonho', que anima toda a sua visão de mundo – o mundo inteiro para eles está vivo. Para tornar-se consciente disto é necessária uma 'escuta profunda', que os aborígenes *Walpuri* chamam de *Dadirri*, e os *Mardu* chamam de *Pinakarri*.

Esta escuta profunda nos obriga a ouvir com mais atenção à própria Terra, vendo-a como um todo, com propriedades semelhantes aos sistemas vivos. Esta 'Teoria de Gaia' moderna foi desenvolvida pela primeira vez por Sir James Lovelock nos anos 1960, num momento em que ele estava trabalhando com a Administração Nacional para Aeronáutica e Espaço (*National Aeronautics and Space Administration* – NASA) dos EUA, buscando um teste para descobrir vida em Marte, que poderia ser enviado em uma cápsula para o planeta vermelho. Em sua própria maneira criativa, Lovelock deu meia-volta no problema, imaginando que ele era um cientista marciano tentando testar se havia vida na Terra. De repente, ele percebeu que, nos paradoxos da atmosfera da Terra, onde os gases de combustão residem lado a lado, só podiam ser explicados pela visão da Terra como sendo um organismo de vida autorregulador. O estudioso de Gaia Stephan Harding mostrou como, visto a partir de outro ponto de vista, (com o qual James Lovelock se sentiu muito desconfortável), podemos dizer que foi o 'Anima Mundi', que contactou James Lovelock. Depois de uma ausência de séculos, o 'Anima Mundi' foi subitamente apresentada de novo, dentro dos bastiões da ciência convencional.

Cientistas não convencionais como Lovelock usaram o nome Gaia, até mesmo como metáfora. Para eles, o termo 'autorregulação do sistema semi-homeostático autopoietico' teria sido muito mais satisfatório. Para aumentar a aceitação de sua teoria, Lovelock veio a chamar a 'Ciência de Gaia', como 'geofisiologia'. Parte do problema com a não aceitação do novo paradigma gaiano reside na motivação dos próprios cientistas.

"Por que deveríamos fazer ciência?" A razão convencional, dada por muitos cientistas desde os tempos de Bacon e Descartes, foi a de adquirir conhecimento para o controle e poder sobre a vida e o mundo. De tais sistemas, Gregory Bateson<sup>1</sup>, o pensador de sistemas, por exemplo, argumentou:

*"O mito do poder, é claro, é um mito muito poderoso, e provavelmente a maioria das pessoas neste mundo acredita um pouco nisso... Mas ainda é loucura epistemológica e leva inevitavelmente a todo tipo de desastre... Se nós continuarmos a operar em termos de um dualismo cartesiano de mente contra a matéria, provavelmente veremos o mundo em termos de Deus contra o homem, de elite contra o povo, da raça escolhida versus outras raças, de nação contra nação e do homem contra o ambiente. É de se duvidar se uma espécie que possua uma tecnologia avançada e esta estranha forma de olhar o mundo possa sobreviver..."*

*"O conjunto dos nossos pensamentos sobre o que somos e o que outras pessoas são tem que ser reestruturado. Isso não é engraçado, e eu não sei quanto tempo temos para fazê-lo. Se continuarmos a operar a partir das premissas que eram moda na época pré-cibernética, e que foram especialmente reforçadas durante a Revolução Industrial, premissas estas que pareciam validar a sobrevivência individual darwiniana, podemos ter vinte ou trinta anos antes que a lógica 'reductio ad absurdum' de nossas antigas posições nos destrua. Ninguém sabe quanto tempo temos, sob o atual sistema, antes que algum desastre, mais grave do que a destruição de qualquer grupo de nações, nos atinja. A tarefa mais importante hoje é, talvez, aprender a pensar de uma nova forma".*

Se Bateson estiver certo, como a visão apresentada na última seção sugere, então a nossa cultura precisa passar por uma grande mudança na sua visão de mundo – a mudança de ver tudo como um mero mecanismo, uma máquina sem vida, para vê-lo como um organismo complexo – cheio de vida, mente, inteligência e alma. Este é o maior projeto que temos na Terra no momento. Essa percepção é extremamente importante e desafiadora para o cientista reducionista e mecanicista convencional, que fica tentando obter 'poder sobre' a natureza. Também é importante para *Dragon Dreaming*, se quisermos finalmente construir uma verdadeira cultura de

sustentação da vida como parte da Grande Virada<sup>2</sup>, nos afastando da civilização de crescimento industrial canceroso para uma cultura que sustenta plena e integralmente a vida.

Essa racionalidade convencional de controle sobre a natureza, no entanto, foi rompida pela teoria Gaia, pois o controle sobre uma entidade viva tão grande quanto a Terra é simplesmente impossível. Isso nos leva a uma nova razão, uma razão holística para nos engajarmos na ciência. Esta razão holística sugere que devemos ‘fazer’ ciência, não para obter controle, mas para atingir um maior sentido de participação e pertencimento. Isso está se tornando a verdadeira razão pela qual estamos fazendo ciência.

Arne Naess, que foi o primeiro a falar de Ecologia Profunda, fala da “ampla identificação com aquilo que é mais do que o mundo humano”. Aldo Leopold, que começou a falar de uma ‘ética da Terra’ na década de 1940, mencionou a necessidade de começar a ‘Pensar como uma Montanha’, quando viu a grande faísca de vida que ligava a luz nos olhos de um lobo morrendo com o mundo em que este lobo vivia.

Fazer ciência na ausência de tal identificação e participação torna a ciência um assunto árido e sem vida, que suga a alma do que é estudado. Nós precisamos reviver a ciência com alma, poesia e animação, nos alegrando pela nossa plena participação na vida e com a vida.

## UMA INTRODUÇÃO À CULTURA ABORÍGENE

No início de um workshop intensivo *Dragon Dreaming* eu muitas vezes começo com um método que conecta a Celebração com o Sonho, com uma apresentação das *Songlines* (linhas cantadas ou linhas da canção) aborígenes, uma vez que isto oferece uma poderosa forma de celebrar a nós mesmos e as viagens que fizemos em nossas vidas até chegarmos ao presente momento. O método *Dragon Dreaming* também trabalha através da criação dos *Songlines* para o Planejamento e Execução de seu projeto, centrado no local, conectado ao Sonho e concluído em Celebração, e compartilhado em jogo, história e até mesmo na música. Estes são todos os conceitos extraídos da crença e da cultura aborígene australiana, sem dúvida a mais antiga na Terra, e são importantes para *Dragon Dreaming* por muitos motivos.

O povo aborígene australiano é constituído pelos habitantes originais do continente habitado mais seco da Terra. Provavelmente entre 50.000 e 70.000 anos atrás os aborígenes foram ocupando a terra em que nasci, no canto sudoeste da Austrália Ocidental. Essas pessoas se chamavam de Nyungar ou Noongar, uma palavra que no antigo idioma significa simplesmente ‘povo’. Originalmente, com aprovação do Conselho de Anciãos Noongar, *Dragon Dreaming* foi chamado *Waugyl Dreaming*, em homenagem à Serpente do Arco-íris Noongar, no sudoeste da Austrália Ocidental. No entanto, para evitar a frequente reação de “Ah!” e confusão para as audiências que não fossem da região (e mesmo entre muitos australianos ocidentais), foi rebatizada *Dragon Dreaming* no início de 1990, pois o Dragão tem algumas das energias arquetípicas associadas com a Serpente do Arco-íris aborígene, e é mais facilmente compreendido em nossa cultura eurocêntrica moderna.

Como outros povos aborígenes da Austrália, os Noongar construíram uma cultura sustentável em um terreno de contínua mudança climática, em que a diferença entre um ano de seca e um ano de inundação é maior do que a diferença entre o verão quente e seco e o inverno mais frio e úmido. Além disso, as terras do Planalto *Yilgarn*, na maior parte da Austrália Ocidental, estão entre as mais antigas na Terra, e emergiram acima do nível do mar há 2,5 bilhões de anos. Sua fertilidade natural tem sido lavada para o mar. Praticar a agricultura pré-moderna e sustentável em um ambiente como esse não depende de enormes quantidades de fertilizantes, pesticidas ou outros produtos químicos transportados a longas distâncias por combustíveis fósseis, o que era claramente impossível. Este ambiente cultural, portanto, não poderia contar com altas densidades populacionais suportadas pela agricultura camponesa, como foi o caso das culturas do norte – na Indonésia, no Sudeste Asiático, na Índia, China e Japão. Enquanto eles compreenderam os princípios da agricultura, o povo aborígene procurou e encontrou outro caminho, um caminho importante para o mundo que nós estamos adentrando atualmente.

Os aborígenes limitam a sua população abaixo do que os ecossistemas de alta biodiversidade locais podem sustentar. Com seus princípios de ‘agricultura com vareta de fogo’, queimando um mosaico na paisagem, na primavera e no outono, eles abrem o dossel das florestas para fazer clareiras, retornando pequenas quantidades

de fertilidade para as terras empobrecidas, incentivando o crescimento das plantas e encorajando a propagação de espécies muito resistentes ao fogo, que de outra forma teriam uma propagação limitada. Com a sua cobertura de eucaliptos, acácias e casuarinas, a Austrália teve os ambientes desérticos mais arborizadas da Terra. Uma paisagem australiana parecida com um parque, aberta de forma pirogênica e admirada pelos primeiros colonizadores europeus, foi a sua maior conquista cultural. Os aborígenes eram gerentes ambientais de grande sofisticação, e onde suas práticas sobreviveram à destruição pela cultura branca europeia, eles estão agora trabalhando com as autoridades de conservação para preservar da extinção espécies e *habitats* nativos.

Uma dieta diversificada e incrivelmente nutritiva, com a coleta natural de alimentos de alto valor nutritivo, muito melhor do que dietas europeias da época, era central para a manutenção desta cultura. “*Bush Tucker*” (N.T.: [Comida do Mato, alimentação baseada nos recursos locais](#)) são plantas que ainda hoje reservam surpresas nutricionais e de saúde para os cientistas!

Este estilo de vida circular nômade impediu a acumulação de resíduos em qualquer local ou o esgotamento ruinoso de plantas e animais, e as baixas densidades populacionais limitavam em grande parte a propagação de doenças infecciosas. Como resultado, quando se iniciou o contato, os povos aborígenes, mesmo descontando os efeitos da mortalidade infantil, tinham um padrão de saúde e uma qualidade de vida muito superiores às dos europeus contemporâneos. Numa situação em que, através da simplicidade cultural e a limitação de ‘desejos’, foi caracterizada uma afluência de lazer e uma rica vida cerimonial. Os europeus cedo descobriram que os aborígenes, antes de entrar em contato com uma cultura orgulhosa e naturalmente aristocrática, tinham uma infância extremamente feliz e solidária, e pouco desejo por bens materiais. Estas são todas as lições que nossas modernas culturas consumistas precisam lutar para aprender.

Estas características, e a posse aborígene da terra, foram um desafio central para os colonos europeus, e nos dois séculos desde então, na maioria dos casos, essa cultura aborígene foi sistematicamente atacada, as suas instituições centrais da linguagem, da vida familiar e da cultura enfraquecidas ou destruídas, o seu uso da terra reduzido, e a terra em si sofreu ecologicamente, como resultado. Hoje, em muitas partes da Austrália, os aborígenes vivem uma cultura de desapropriação, semelhante a outras culturas indígenas também afetadas por confiscos de terra e cultura.

As técnicas agrícolas europeias, que se presumia serem adequadas nesta terra muito distante, têm se mostrado desastrosas, em comparação com as práticas de conservação de solo aborígenes. O desmatamento para a agricultura impediu a evapotranspiração necessária das águas subterrâneas para a atmosfera, reduzindo em muito as chuvas e levando à salinização e desertificação das regiões. Solos expostos pelo desmatamento indiscriminado e lavouras agora dependem para a sua produtividade de aplicações artificiais de agroquímicos, fertilizantes e pesticidas. O colapso ecológico ainda foi reforçado pela introdução de espécies europeias, que se tornaram selvagens, especialmente coelhos, gatos e raposas. Antes do contato europeu com o sudoeste da Austrália Ocidental, este era um dos pontos centrais no mundo pela sua rica biodiversidade de espécies únicas e endêmicas. Agora é um ponto de perigo, pelo número de espécies raras de plantas e animais em risco crítico de extinção. Quando se iniciou o contato europeu no extremo sudoeste da Austrália Ocidental, havia 27 rios de água doce potável. Hoje em dia, em todos estes rios corre uma solução salina em maior ou menor grau e suas águas são impróprias para consumo humano.

A ignorância ecológica demonstrada pelos europeus, quando encontraram pela primeira vez o povo aborígene, foi uma das razões porque os povos aborígenes chamaram os europeus de *Djanga*, que significa ‘espírito morto’. Houve uma série de outras razões para isso também. Em primeiro lugar, os europeus não demonstraram compreensão dos complexos sistemas de parentesco que ligavam os grupos aborígenes com toda a vida. Este fato deve ter sido esquecido, como resultado de seus espíritos terem morrido. Os aborígenes acreditavam que viemos das estrelas, fato confirmado cientificamente pelo fato de que cada átomo de nosso ser, no passado, fez parte de uma estrela. Mas os aborígenes Noongar acreditavam que os espíritos dos seus antepassados mortos também acabariam por voltar ao céu, e lá seguiriam o caminho do Sol, para viajar através do céu, onde as estrelas representam os inúmeros fogos finais dos acampamentos de seus antepassados.

Os europeus aqui chegaram vindos do oeste, a direção da *Karinyup*, o sol poente. Os europeus tinham uma palidez mortal branca, outra característica dos mortos. Os aborígenes também disseram que, graças à pobre higiene europeia, que os europeus, que raramente se lavavam, tinham cheiro de cadáveres. Constatou-se também que qualquer pessoa aborígine que estivesse intimamente associada com os europeus também era passível de sofrer uma doença europeia para a qual os povos aborígenes não tinham resistência imunológica e eram, portanto, propensos a morrer. Sarampo e varíola eram especialmente perigosos. A crença aborígine que os europeus já estavam mortos explicou por que os europeus eram tão ignorantes em relação ao cuidado adequado da terra, e sua incapacidade de reconhecer todas as plantas e animais no ambiente como parentes próximos. Após quase 200 anos de contato, só agora os australianos de origem europeia estão descobrindo o custo dos danos que causaram e a necessidade de cuidar de forma adequada desta terra, como guardiões temporários para as gerações futuras.

Os europeus também sentiram grande desprezo por esses sistemas de crenças aborígenes. Eles foram chamados de 'primitivos animistas totêmicos' pelas suas alegações de que os mundos humanos e não humanos compartilhavam um ancestral comum. Aborígenes, alegou-se, careciam de um conceito de tempo, números complexos ou de progresso cultural, características que tornavam as culturas europeias 'superiores' aos aborígenes da 'idade da pedra'. Tais visões ainda são amplamente difundidas por alguns colonos europeus, e ainda hoje os povos aborígenes são referidos, por europeus sem instrução, como um 'povo primitivo'. Mas, como visto na última seção, as nossas alardeadas culturas europeias já provaram não ser sustentáveis. Elas trouxeram o nosso planeta à beira do colapso ecológico maciço e a uma megaextinção da biodiversidade de espécies muito mais complexas e ecossistemas com os quais partilhamos o planeta estão desaparecendo rapidamente.

Em tal cultura, a noção de uma forma de progresso que destrói os sistemas de suporte de vida é uma forma de insanidade. Para descobrir o grau em que somos loucos, somos obrigados a ver a nossa própria cultura a partir de outro ponto de vista, e eu tenho a sorte de conhecer o suficiente de culturas não europeias, como as dos aborígenes, ou das Terras Altas da Nova Guiné, Indonésia e África, para ser capaz de ver o quão 'loucas' nossas concepções de progresso se tornaram.

## A INSUSTENTABILIDADE DAS CULTURAS CIVILIZADAS

Isto não é novo. Culturas civilizadas são inerentemente instáveis. Desde a construção da primeira cidade do mundo, *Eridu*, mais de sete mil e trezentos anos atrás, no sul do Iraque, possivelmente até 31 civilizações se desenvolveram e caíram, algumas de forma mais rápida e mais violenta do que outras. Como as primeiras civilizações que se desenvolveram, todas elas têm por sua própria natureza, gradualmente ou rapidamente, consumir a base de recursos naturais dos quais dependem.

Pelo rápido esgotamento dos recursos não renováveis, estamos mostrando que não somos diferentes. Vastos desertos, das costas atlânticas do Sara Ocidental até o deserto de Gobi na China, marcam o traço de muitas civilizações antigas e culturas que, por usar em excesso e abusar do frágil ambiente semiárido do qual faziam parte, mataram a vida de que dependiam e como resultado sofreram colapsos.

No epicentro cultural desta vasta zona de destruição, no deserto de sal no sul do Iraque, encontra-se a primeira cidade humana encontrada, em *Eridu*, e isso não é acidente, porque foi a partir deste antigo centro Sumério que todas as civilizações mais tarde se desenvolveram e se espalharam, tanto para o oeste quanto para o leste. Desde então, muitas outras culturas também se destruíram de forma semelhante.

Desde a Ilha de Páscoa, que teve suas florestas devastadas e a seguir desabou em guerra e canibalismo, até a cultura Maia da planície que destruiu solos frágeis de seu ecossistema tropical através da superpopulação e abuso ambiental, ou os assentamentos na Groenlândia Nórdica, que se viram empurrados à fome e extinção após terem suas florestas desmatadas e o solo erodido com a mudança climática<sup>3</sup>.

O mais recente colapso de civilização deu-se na própria história europeia, com a queda do Império Romano do Ocidente, ponto de início da Idade das Trevas da Europa Ocidental.

Houve muitas outras Idade das Trevas no passado, e algumas muito mais recentes e muito mais destrutivas. Quando Colombo chegou à América, a população podia ser contada à casa de 100 milhões de habitantes. Enquanto que o violento colapso dos impérios asteca e inca são os mais bem conhecidos, em outros lugares o colapso não foi menos violento e voraz.

Este padrão antigo de colapso está agora em risco de acontecer novamente, no período de nossas vidas. Hoje, em vastas zonas do Velho Mundo, nas latitudes médias, estamos ocupados construindo extensões desérticas novas, desertos e zonas semidesérticas, em nosso uso abusivo de frágeis florestas tropicais para alimentar as exigências para pasta de papel, madeira e biodiesel de óleo de palma, com uso excessivo de solos frágeis e sistemas hídricos, causando mudanças climáticas e perda de biodiversidade.

Parece que, como as rãs em lenta fervura<sup>4</sup>, demoramos a aprender com nossa história passada no planeta. Parece que estamos a sofrer de Transtorno de Déficit de Atenção e Histórico, uma expressão que significa que “aqueles que não aprendem com o passado estão condenados a repeti-lo”.

Durante o passado recente, por exemplo, apesar das repetidas advertências, temos continuado a ultrapassar ainda mais a nossa pegada ecológica disponível. No mesmo período, especialmente nos últimos vinte anos, a sustentabilidade tornou-se uma ‘palavra da moda’. Mas como reconhecer e celebrar a sustentabilidade, mesmo quando a nossa cultura tem tido pouca ou nenhuma experiência de uma verdadeira sustentabilidade através de milhares de anos e não temos nenhuma ideia de como esta é na realidade?

Mesmo os ambientalistas, por suas ações, parecem trancados em alguma forma de dissonância cognitiva psicológica – “faça como eu falo, não faça como eu faço!” Examinando sua prática diária vemos que eles também levam uma vida que parece indicar que seus corpos estão envolvidos em atividades cotidianas de alguma forma fundamentalmente desconectadas de seu pensamento sobre a ecologia natural, bem como de seus sonhos mais profundos, do seu anseio mais selvagem, dos seus pensamentos e desejos.

Com o pico do petróleo, mudanças climáticas, o colapso econômico e a perda de biodiversidade, em qualquer lugar nossas vidas não são sustentáveis em qualquer coisa que façamos.

Como já mencionado duas vezes acima, qualquer cultura que destrói seus próprios sistemas de suporte à vida em nome do progresso é insana (terceira vez é sorte!), E ainda, como Jarrod Diamond mostra em seu livro “Colapso: Por que algumas sociedades têm sucesso e outras fracassam”, muitas culturas têm feito exatamente isso.

Em uma cultura tão insana e insustentável, a maioria das pessoas se torna cúmplice na loucura implícita. Como disse Einstein, insanidade é “fazer a mesma coisa uma e outra vez e esperar resultados diferentes”. Parece ser este o nosso atual modelo de civilização e temos feito isso há milhares de anos, chamando-o de progresso. Em sua atual encarnação, por exemplo, nos é dito que só podemos proteger o meio ambiente através do crescimento econômico, sem perceber que o crescimento ilimitado é como um sintoma de câncer, que mata o corpo do hospedeiro infectado, e assim mata a si mesmo!

Há obviamente uma fonte psico-espiritual para essas dificuldades. Lynne White Junior argumentou que a fonte do problema era uma visão de mundo judaico-cristã em que Deus deu aos seres humanos “domínio sobre a Terra”, e ordenou-lhes para se reproduzir e multiplicar, mas esse foi apenas o último passo em uma visão anterior.

Esta é uma visão de mundo que se originou em parte, como Rudolph Bahro mostrou, a partir de uma epistemologia humana, construída na *psique* humana sobre a natureza da realidade. A maior parte das Línguas humanas, como Stephen Pinker e Noam Chomsky demonstraram, compartilham de uma ‘estrutura profunda’, provavelmente de origem genética, que separa ‘sujeito’ (o ator) do ‘objeto’ (a ação prática).

Exceto se combatidos por meio de experiências de infância e reforço cultural contínuo, isto potencialmente cria um senso absolutista de “poder sobre”, e a criação de estruturas de poder hierárquica e autoritária.

Nós pensamos que esta separação de sujeito e objeto, do ‘eu’ de ‘outro’ é ‘real’ em algum sentido fundamental. Até mesmo em nossas memórias mais antigas já existe uma separação clara entre um “eu” interno separado de um “mundo externo”. E, no entanto, a psicologia infantil mostra-nos claramente que tal separação é criada na

realidade através da linguagem. Em suas primeiras palavras, uma criança fala de si mesma como um objeto: a minha filha quando era pequena não dizia “eu quero”, mas dizia que “Arwen quer”. Somente quando ela começou a aprender a língua que ela começou a inserir um ego individual separado em sua fala e dizer “eu”.

Em um mundo polarizado desta forma, entre o ‘Eu’ e ‘Não-Eu’, a sobrevivência do indivíduo torna-se problemática. O mundo ‘exterior’ é ameaçador e perigoso, e apesar de termos eliminado a maioria dos grandes predadores dos seres humanos, ainda vivemos como se isso fosse verdade. Os maiores perigos para nós são agora outros seres humanos. Não só acreditamos que o nosso ‘modelo’ do mundo é real, mas também inserimos um modelo similar de nós mesmos. Como mostrou Ernst Becker, a inserção de um modelo de si mesmo dentro do modelo do mundo, criando ao mesmo tempo o imenso poder da possibilidade de previsão (o deus grego Prometeu) e retrospectiva (Epimeteu em grego), ensaiando comportamentos futuros ou reconsiderando as alternativas do passado, este dom de ser capaz de projetar a nossa consciência para o passado e o futuro, introduziu a consciência dos problemas do mundo, sobretudo a realidade da morte.

A Mitologia grega expressa bem essa circunstância. Para ajudar os deuses do Olimpo a derrotar os Titãs, na guerra primordial da criação, Zeus deu a Prometeu e Epimeteu um dom, uma mulher que era para ser sua esposa, Pandora (‘Pan’ = tudo, ‘Dora’ = dom) e uma caixa, que nunca devia ser aberta. Mas a curiosidade sobre o ‘presente de tudo’ era muito grande, ela abriu a caixa e trouxe todos os problemas para o mundo, acabando com a idade de ouro. Isto é similar à história misógina judaica de Adão e Eva no Jardim, onde Eva seduziu Adão a comer do fruto do conhecimento do ‘Bem’ e do ‘Mal’ e assim foram expulsos do paraíso. Esse mito em sua essência expressa bem a angústia existencial associada com a descoberta na infância da realidade da ‘morte’. Nós encontramos histórias semelhantes nas memórias ancestrais de outras culturas civilizadas do mundo.

Sobreviver, em seguida, torna-se problemático, o que parece resultar em duas estratégias:

Em uma estratégia a criança pensa: “Se eu me mantiver pequeno, para que ninguém me note, eu vou sobreviver”. Na outra, a criança pensa: “Se eu assumir o controle da realidade externa, eu vou sobreviver”.

Mas, dentro dessa polarização, cria-se um sistema hierárquico de ‘poder sobre’ em que sempre há ‘vencedores’ e ‘perdedores’, e um jogo de soma zero do tipo ganha-perde ou ‘poder-sobre’ se desenvolve, uma luta de poder que é o caráter dominante de todas as culturas civilizadas.

Em todos os lugares, encontramos o desenvolvimento de elites, em que um pequeno número de sacerdotes, soldados, burocratas e príncipes comerciantes, usam o seu poder através do controle de condicionamento cultural, coerção ou comércio, para dominar as vidas das pessoas comuns, extraindo socialmente, politicamente, culturalmente ou economicamente a produção excedente dos dízimos, a tributação, ou tarifação da qual a sobrevivência da elite depende.

A maximização da produção, necessária para permitir que o tamanho dessas elites cresça e assim minimizar os conflitos internos, requer tanto uma população crescente, quanto um aumento da exploração do ambiente natural, ou extração cada vez maior da produção excedente, reduzindo a vida dos plebeus a maior pobreza. Quando os limites sociotécnicos a estes processos são atingidos, aumentam as lutas entre elites e gera-se violência e destruição, tendo como resultado o colapso final. As civilizações não morrem, elas cometem um tipo de suicídio ecológico.

Torna-se então muito difícil encontrar e viver com sanidade real em tais circunstâncias. Uma das necessidades para se tornar um peixe capaz de deixar a água na qual ele está nadando, para obter uma perspectiva diferente, é ter um novo ponto de vista sobre a natureza da água que diariamente o rodeia.

Mas como podemos nos libertar de tal ilusão persistente? A convicção sobre nossa separação do mundo natural ocorre em parte porque nossa cultura reforça essa divisão, valorizando lógicas, linguísticas e atividades racionais cerebrais mais do que as integradoras, intuitivas, criativas e holísticas atividades do hemisfério direito do cérebro.

Tendemos a organizar o nosso pensamento de forma ‘objetiva’, Planejando e Fazendo de forma independente e separada das nossas práticas ‘subjetivas’ de Sonhar e Celebrar.

Nossa cultura separa o trabalho da brincadeira, e considera o brincar uma forma menos importante (e menos valorizada) de trabalho. Na tentativa de assumir o controle da própria vida, o ser humano cria situações, de 'poder sobre' estruturas de autoridade hierárquica, nas quais os homens são mais importantes do que as mulheres, a cultura é mais importante do que a natureza, o indivíduo é mais importante que a comunidade. Em uma cultura tão contraditória, governos são considerados 'vencedores' sobre a oposição e na escola, acadêmicos 'vencedores' têm 'sucesso' e são mais importantes que não acadêmicos 'perdedores', que levam à 'falha'.

Nossos sistemas legais baseiam-se no confronto de adversários para imputar culpa ou declarar inocência, nosso sistema econômico versa sobre como se tornar rico e evitar ser pobre, nossos sistemas de saúde tratam a saúde como se esta fosse o ato de evitar doenças.

Em um mundo onde excedemos a capacidade de suporte do ambiente natural, temos como resultado a construção de sistemas de educação que não podem aprender, sistemas de saúde que estão doentes e passando mal, sistemas de justiça penal que são criminalmente injustos, governos que não conseguem se governar, e como a atual crise econômica demonstra, uma economia mundial que não pode economizar, e está em recessão e se desfazendo, como resultado.

Nessa hierarquia de vencedores e perdedores, o trabalho mental se torna mais importante que o trabalho do coração ou o trabalho das mãos, na forma como modelamos nossas organizações, em uma visão transcendental completamente obsoleta do corpo humano. Persistir em tais visões equivocadas resultará inevitavelmente naquilo que Joseph Tainter chamou de 'Colapso Geral do Sistema'. Os ventos da futura "Idade das Trevas" já se fazem sentir de muitas maneiras.

Assim, mesmo que a teoria da relatividade, a mecânica quântica, a nova física, as ciências biológicas, a ecologia moderna, a neurologia e a teoria epigenética nos mostrem a falsidade desta teoria absolutista do modelo linear de 'poder sobre', continuamos em nossas ações cotidianas a atuar como se isso fosse de fato correto.

Estamos presos em uma posição de 'duplo poder', onde as velhas estruturas ganha-perde de poder e autoridade, não só não podem mais resolver os nossos problemas, mas também se tornam parte do problema. As estruturas alternativas que poderiam resolver os nossos problemas não têm nenhum poder ou autoridade. É uma dissonância cognitiva em escala planetária.

Albert Einstein afirmou que para encontrar a solução para nossos problemas, precisamos de uma consciência diferente daquela que inicialmente criou o problema. No entanto, como o fracasso da recente Cúpula do Clima de Copenhague, foi claramente demonstrado que persistimos em tentar resolver os nossos problemas internacionais usando as mesmas estruturas de crescimento do individualismo sem limites e os interesses econômicos concorrentes de estados nacionais rivais, que criaram os problemas em primeiro lugar. O pensamento de que precisamos resolver estes problemas com uma consciência diferente daquela que acreditamos ser verdade, não entrou na consciência da maioria dos tomadores de decisão.

No entanto, mais de 50 anos atrás, quando refletiu sobre nossas circunstâncias no século 20, Einstein viu o que era necessário. Ele escreveu:

*"Um ser humano é uma parte de um todo, chamado por nós de Universo, uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele experimenta a si mesmo, seus pensamentos e sentimentos como algo separado do resto... uma espécie de ilusão de ótica de sua consciência. Esta ilusão é um tipo de prisão que nos restringe a nossos desejos pessoais e ao afeto pelas pessoas mais próximas. Nossa tarefa deve ser a de nos livrarmos dessa prisão, ampliando nosso círculo de compaixão para abraçar todas as criaturas vivas e toda a natureza em sua beleza."*

Este é claramente um trabalho importante, e deve ser fundamental para a Grande Virada da nossa civilização para uma verdadeira Cultura de Suporte à Vida. Sabemos agora que nós, como indivíduos, não somos separados da Terra, e estruturas ganha-perde em uma cultura que já ultrapassou a capacidade de carga do seu ambiente apenas produzem resultados perde-perde de soma negativa para todos nós. Mas lutamos em nossas tentativas de construir tal sustentabilidade. Isso é concebível de outra forma? Precisamos encontrar um 'novo jogo', um



jogo de soma positiva com base em ‘ganha-ganha’. Eu acredito que os princípios e as práticas descobertas por aborígenes nos mostram que outro caminho é possível.

## SONHO: UMA VISÃO ALTERNATIVA DO TEMPO?

No meu trabalho em toda a Austrália com aborígenes e em outros países, com outras culturas, eu encontrei um caminho que me permitiu, até certo ponto, me tornar um peixe fora da água, e ver a água cultural em que nadamos em de uma forma completamente diferente.

Este caminho me ensinou um pouco da consciência que precisamos ter para compreender e viver uma vida construída sobre uma verdadeira sustentabilidade ganha-ganha, tão necessária para os filhos de nossos filhos. Culturas aborígenes, provavelmente, entraram no continente australiano pela primeira vez há pelo menos 70.000 anos atrás, e têm se mantido sustentáveis, apesar das grandes mudanças no clima provocadas por eras glaciais, secas, inundações e incêndios, por esse período de tempo.

Formam sem dúvida a maior e mais antiga cultura sustentável no mundo, e essa sustentabilidade vem da profundidade de sua relação holística com o tempo e o espaço, e sua relação integrativa com a terra, seus ancestrais e seus descendentes, de uma forma que poucos europeus experimentaram. Em tal ambiente árido, uma cultura como a nossa, baseada em estratégias do tipo ganhar-perder, iria resultar em uma sentença de morte para a maioria dos participantes, e uma cultura baseada em ‘jogos ganha-ganha’ se torna a única cultura sustentável, em última análise. Se queremos construir uma verdadeira sustentabilidade, tais ‘jogos ganha-ganha’ precisam se tornar a base de tudo o que fazemos.

A nossa cultura de ‘poder-sobre’ tem uma estreita e puramente linear visão ‘progressista’ de tempo, uma mudança do passado, através do presente, para o futuro. Nós medimos isso em segundos. Coloque esses segundos em uma sequência linear de causa e efeito e acredite que esta é uma realidade objetiva absoluta.

Tempo tornou-se dinheiro. Nós achamos que podemos controlar e ‘economizar tempo’, tornando-nos ‘mais eficientes’, mas como Tom Attlee nos mostra, isso resulta no fato de que o tempo se acelera, “As coisas estão ficando melhores e melhores, e a cada vez piores, cada vez mais rápido”.

A velocidade de mudança e as tensões que esta causa são superiores ao que a nossa cultura, nossas comunidades, nossos corpos e até mesmo os ecossistemas vivos do planeta dos quais todos nós dependemos, conseguem lidar.

Como tudo desaba em um sentido de ‘Agora’, perdemos a noção do passado profundo, que é cada vez mais visto como irrelevante para o presente e um futuro que se torna cada vez mais assustador, terrível e apocalíptico.

Nossos medos do futuro ameaçam se tornar profecias que cumprem a si mesmas, quando nos confrontamos com as situações de mudança climática, com o colapso econômico e a extinção em escala planetária da variedade biológica. Outros, sentindo-se ameaçados por esses pensamentos obscuros, procuram escapismo na prevenção, na desilusão e negação, ou mergulhando em comportamentos de dependência de consumismo irracional. Mas uma alternativa para essa situação existe – os princípios culturais dos aborígenes australianos mostram-nos como.

Recentemente, durante a execução de uma Oficina *Dragon Dreaming*, eu tive um sonho estranho. Ulrike, a mulher com quem eu estava trabalhando para preparar as apresentações em busca de uma subvenção para um projeto da comunidade, apareceu vestida com uma roupa e capacete de ciclismo, montada em um monociclo elétrico. Parada pela polícia, ela explicou que precisava entregar medicamentos a um hospital. A polícia não iria deixá-la continuar, e eu disse que estava viajando com os amigos desse jeito, e que eu poderia entregar os medicamentos. Estávamos com um grupo que desejava iniciar uma comunidade de ecovilas em um Polder, nome dado aos terrenos que os holandeses recuperaram do mar. O Polder tinha 28 quilômetros quadrados, e eu disse que com a mudança climática e aquecimento global a sua comunidade não iria sobreviver à elevação do nível do mar. Uma pessoa disse: “Não se preocupe! O Polder está localizado no Reno, em Frankfurt”.

Este sonho ilustra muitos dos fatos estranhos da natureza dos sonhos. Frankfurt não é no litoral. Mas há muito neste sonho que não pode ser facilmente explicado. Por exemplo, na manhã seguinte, quando compartilhei o sonho na oficina, Anoutosh, um holandês que participava do treinamento, explicou que ele havia, de fato, vivido em uma ecovila que estava em um Polder com um tamanho de 28 quilômetros quadrados (um fato que eu ignorava completamente). Ele explicou que tinha uma namorada que vivia em Frankfurt, e que estava tentando persuadi-la a viver com ele na Holanda, e ela estava tentando persuadi-lo a mover-se para Frankfurt. E então, recentemente, considerando que a oficina da comunidade para a qual a concessão foi preparada iria em frente de qualquer forma, recebi uma notificação de que a concessão que Ulrike e eu estávamos trabalhando não teve sucesso. Teríamos que encontrar uma nova maneira de proceder com o trabalho que desejávamos.

Um segundo sonho em um workshop subsequente eu me vi a cantar a canção de aniversário em alemão durante toda a noite. Na manhã seguinte, enquanto compartilhava o sonho, Dorte, um dos participantes do grupo declarou: “Sim, hoje é meu aniversário, e eu nasci no meio da noite!”

De onde é que esse *insight* veio? Será que eu ouvi inconscientemente conversas de Anoutosh e Dorte, mas não prestei atenção no momento? Mas nem Anoutosh ou Dorte se lembravam de ter compartilhado a informação com outros na época. Isto é evidência da existência de alguma forma de telepatia? Anoutosh e Dorte, sem dúvida, estavam pensando sobre essas coisas durante o tempo em que estivemos juntos. Seja qual for a explicação, isto mostra que através do processo de sonhar estamos processando informações que nos ligam aos outros e ao mundo de forma completamente não-racional e não-linear, em relação ao que chamamos de consciência desperta normal.

Sonhar assim parece ter uma eternidade essencial, em que tanto o passado quanto as expectativas sobre o futuro interagem de estranhas formas com o presente. Somos esquisitos, e nossas vidas são muito mais estranhas do que imaginamos. Foi demonstrado, por exemplo, que precisamos de cerca de 7 a 8 horas de sono por dia e que o nosso desempenho é diminuído se dormimos muito menos do que isto.

Por que isso acontece? Também foi mostrado que, mesmo para criaturas tão simples como as formigas, o sono é essencial para a sobrevivência, mas a biologia ainda não encontrou respostas a respeito dos motivos por que isso acontece.

O sono se processa em ciclos. Há o chamado sono de ondas lentas (N.T.: em inglês *Short Wave Sleep, SWS*) que ocupa cerca de 80% da noite e é um estado mais profundo do que sonhar. O sono também é mais estranho do que sabemos. Por exemplo, o sonambulismo é um fenômeno que ocorre durante o sono SWS, não em nossos sonhos, como às vezes se pensa. Mais comum em crianças, afetando mais de 5% da população, o sonambulismo pode ocorrer também com adultos. Adultos têm feito até mesmo amor, dirigido carros ou escrito e-mails semi-coerentes enquanto dormem! Sonâmbulos têm sido até mesmo considerados inocentes de assassinatos que cometeram neste estado. Eu posso pessoalmente atestar sobre um evento como a minha filha, casada com um ex-soldado, que relatou que uma vez ela acordou com as mãos do marido em volta do seu pescoço durante a noite.

Sonhar está sendo considerado, em grande parte, embora não completamente, associado com o que é chamado de movimento rápido dos olhos (N.T.: em inglês *Rapid Eyes Movement, REM*), e torna-se mais frequente ao longo da noite para a manhã, e ocupa 20% a 25% do tempo total de sono. A pessoa média tem cerca de sete sonhos cada noite, e estes sonhos duram tipicamente de 5 a 45 minutos. Sonhar tem sido uma parte importante de todas as culturas humanas desde os tempos pré-históricos, e houve muitas tentativas de entender sua natureza. Eles são biologicamente importantes e pessoas que têm dificuldade em sonhar podem ter um número de problemas psicológicos bem definidos, mas a natureza biológica do sonho também não é claramente compreendida.

Também foi mostrado que ter consciência sobre uma vida de sonho ativa pode ser associado com uma maior eficácia do funcionamento pessoal e resolução criativa de problemas na vida cotidiana. Apesar disso, a maioria das pessoas em nossa cultura não se lembra de seus sonhos ao acordar, embora tenha sido demonstrado que isto pode mudar com a prática. Os índios iroqueses da América do Norte acreditam que as pessoas que

perderam a consciência de seus sonhos perderam parte de sua alma, crença esta compartilhada por muitas culturas aborígenes, e eles desenvolveram práticas rituais pelas quais essa ‘alma’ pode ser recuperada.

A Biologia também mostra que estamos programados para ter um segundo período de sono após o almoço. Nas oficinas eu digo que este período após o almoço é muitas vezes a ‘mudança do turno’, quando o desempenho conceitual é menor e por isso muitas vezes é preciso dar um tempo de sesta prolongada aos participantes neste período, que lhes permitam se recuperar. Em tempos antigos, as pessoas que trabalhavam durante todo o dia, sem pausa, eram consideradas por seus vizinhos com suspeita, e a ‘*siesta*’ (do latim, significando a ‘hora sexta’ – Sexta – depois do nascer do Sol) é ainda uma parte importante em muitas culturas. O hábito moderno de trabalho direto através do dia, sem cochilo, tem demonstrado resultar em um menor desempenho. Indivíduos verdadeiramente criativos ou eficazes, como Leonardo da Vinci, Isaac Newton, Napoleão Bonaparte, Gandhi e Albert Einstein todos eram famosos por seus cochilos ao meio-dia. Churchill ainda creditou a vitória da Batalha da Inglaterra ao seu cochilo do meio dia! Os sonhos associados cochilando também são especialmente importantes para a criatividade durante a tarde. A NASA descobriu que cochilos ao meio-dia melhoram o desempenho de astronautas e muitas companhias aéreas já adotaram esta prática<sup>5</sup>.

Os nossos relógios internos são também regulados por variações sazonais de luz e escuridão; estender a luz do dia artificialmente para a noite conduz a um desejo de açúcar, e foi mostrado que isto está relacionado à obesidade e a outros problemas de saúde. A falta de sono inibe a produção de prolactina e melatonina, o que perturba o nosso sistema imunológico e aumenta o risco de depressão, hipertensão, diabetes, doença cardíaca e câncer<sup>6</sup>.

Os sonhos na Bíblia eram vistos como capazes de trazer informações importantes para o sonhador, e as pessoas que conseguiam interpretar os sonhos, como José e Daniel, foram consideradas santas. Na Torá, Salomão e Jacó podiam conversar com o divino através de sonhos. Os Três Reis Magos foram guiados através de um sonho para não ver Herodes, e disseram a José através de um sonho para fugir para o Egito com Maria e o menino Jesus. O pensamento de que podemos adquirir outras informações além das disponibilizadas pelo pensamento racional, através de nossos sonhos, não era problema nos sistemas de crenças dos antigos.

Sonhar é uma parte importante da ‘profecia interior’ no islamismo *Shia’ite* (xiita). Para os xiitas, os sonhos são divididos em dois tipos: aqueles que ocorrem durante o sono profundo e os que sucedem durante o limiar de consciência ao despertar. Esses sonhos especiais são experimentados pelo sonhador como um êxtase incomum, inspiradores e acrescidos de elementos cognitivos. Acreditam que são uma partida do corpo, muitas vezes guiada por um anjo, ou uma transformação em uma criatura alada que voa para reinos fantásticos<sup>7</sup>. Conforme explicado no Alcorão, o profeta Mohammed experimentou essa visão em sua jornada mística para o Domo da Rocha em Jerusalém.

Diferenças culturais produzem sonhos de diversos matizes. É comum entre as mulheres árabes ter pesadelos de que estão em queda livre pelo ar. Talvez estes pesadelos tenham um simbolismo metafórico – a pesquisadora do sono Kelly Bulkeley indica que “há um prêmio nestes países para a mulher que se mantiver casta, e os perigos de se tornar uma ‘mulher caída’ são tão grandes, que a tendência natural para sonhos de quedas é amplificada em muito”<sup>8</sup>.

Artemidoro, no século II a.C., escreveu a *Oneirocritica* (A Interpretação dos Sonhos), e sugeriu que os sonhos são únicos para o sonhador individual. A literatura “greco-romana sobre sonhos funcionava como uma linguagem de sinais, que formavam um padrão pessoal e cultural da imaginação e davam substância tangível a ideias como o tempo, a história cósmica e a percepção de si mesmo.”<sup>9</sup>.

As pessoas que buscavam cura na Grécia Antiga viajavam em peregrinação ao centro de Asclepion, consagrado a Esculápio, o Deus da Cura, em Epidauro. Lá eram incentivadas pelos sacerdotes para dormir e tentar lembrar seus sonhos, pois estes continham importantes pistas para a sua cura. Esta prática continuou por mais de 1.000 anos! Asclépio, o deus da cura, através dos sonhos, fornecia orientação ou inspiração divina, bem como informações que permitem um diagnóstico preciso, de uma maneira que o pensamento racional era incapaz de fazer.

Os sonhos “têm influenciado fortemente tanto as crenças e práticas de tradições religiosas de todo o mundo, ao longo da história”, continua Kelly Bulkeley, que “uma pergunta impossível de responder é saber se sonhar veio antes da religião ou a religião veio antes de sonhar. Mas agora temos fortes evidências sugerindo que o enraizamento natural de sonhar no sistema cérebro-mental humano o torna uma fonte universalmente disponível de consciência experiencial, precisamente os poderes que as pessoas têm historicamente associado à religião. Aceitar essa evidência não significa abandonar a ciência ou comprometer-se na fé a algum credo religioso ou dogma. Pelo contrário, significa reconhecer a realidade de uma capacidade visionária autônoma dentro do sistema cérebro-mental humano, uma capacidade impulsionada por uma inteligência inconsciente profundamente enraizada em nossa natureza biológica, ainda se esforçando continuamente para a compreensão transcendente e discernimento.”<sup>10</sup>.

A partir da obra de Freud, considera-se a interpretação dos sonhos como sendo ligada a uma compreensão do funcionamento da mente subconsciente, que funciona às vezes como piloto automático para as atividades cotidianas, ou pode às vezes estar ligada a um fluxo repentino de sentimentos ou estranhos voos da imaginação<sup>11</sup>. A mente inconsciente é muito maior do que imaginamos, e geralmente está completamente além e fora da consciência do nosso eu individual. Por exemplo, falamos que ‘algo se apoderou de mim’, ou que ‘não era eu mesmo’, ou ‘estava fora do personagem’. Sonhos e imaginação parecem funcionar a partir do inconsciente por algum tipo de linguagem simbólica subconsciente difícil de interpretar.

Carl Jung, que via o sonho como uma forma de expressar um inconsciente coletivo, similar à dos aborígenes australianos, escreveu: “Deus fala no sonho.” Marie von Franz, uma discípula de Jung, usando uma série de importantes estudos de caso, demonstrou através de sonhos registrados como se revelam conexões entre as histórias pessoais e familiares dos sonhadores e os costumes individuais e coletivos de suas épocas<sup>12</sup>. Essa visão tem se tornado comum na psicologia Junguiana e em outras formas de psicoterapia ocidental. Mas mesmo aí os nossos sonhos parecem escapar facilmente à compreensão.

Ao mesmo tempo, o córtex visual primário está inativo, enquanto que o córtex visual secundário, que processa a visão, criando a paisagem visual interna em que vivemos, é muito ativo. Felizmente, o tronco cerebral parece estar paralisado durante o sonho, impedindo-nos de agir em nossos sonhos, razão pela qual o sonambulismo não está associado com o sonho normal.

Uma definição de ‘pesadelo’ é um sonho que faz a pessoa acordar no meio do ciclo do sono e lembrar-se de uma experiência com emoções negativas, como o medo. Este tipo de evento nas culturas ocidentais ocorre em média uma vez por mês. Pré-escolares são relativamente imunes a pesadelos até os cinco anos de idade, enquanto que pesadelos em vigília são mais comuns em crianças pequenas (25% vivem um pesadelo pelo menos uma vez por semana). Os pesadelos tornam-se mais comuns durante a adolescência e a seguir perdem intensidade em adultos (queda na frequência de cerca de um terço, entre os 25 e 55 anos de idade).

Nossa cultura descarta o sonho como um processo subjetivo individual e, assim, a maioria das pessoas ignora os seus sonhos na maioria das vezes. Eles são muitas vezes considerados aborrecimentos que distraem, sem relação nenhuma com as nossas experiências durante o ‘tempo linear objetivo’ e deles nos esquecemos imediatamente ao acordar.

Mas não foi sempre assim, mesmo em nossa cultura, como mostrei acima. Os índios norte-americanos Sioux Lakota usavam ‘Visões de Busca’ como um rito de passagem, jejuando e orando até que um sonho orientador fosse recebido, para posteriormente ser compartilhado com os demais membros da tribo após o seu regresso<sup>13</sup>.

Como mostrado acima, sonhar é importante, pois pessoas que não podem sonhar sofrem um estranho tipo de neurose em que a eficácia diária é muito prejudicada.

A maioria das pessoas em nossa cultura não consegue se lembrar de seus sonhos, e a maioria dos sonhos são esquecidos durante os primeiros cinco segundos de vigília.

Ainda sonhando, tanto o ‘sonhar desperto’ quanto o ‘sonhar noturno’ são muitas vezes a fonte de uma criatividade profunda. Nossos sonhos esquecidos podem ser recuperados. Manter um ‘diário de sonhos’ ao lado de sua cama, para escrever seu sonho imediatamente ao acordar, ou ir dormir com a intenção de lembrar um

sonho ao acordar, pode ser de grande ajuda. A investigação sobre sonhar mostra que muitos sonhos estão associados com um elevado nível de excitação ou ansiedade. Os pesquisadores do sono estimam que em quase três quartos de nosso sonho as emoções predominantes são negativas. O uso de ressonância magnética e tomografias do cérebro de sonhadores mostram que a amígdala e o córtex cingulado anterior, partes importantes do cérebro no processamento de emoções fortes de medo e ansiedade, são particularmente ativos em sonhos, enquanto o neocórtex do pensamento racional fica quase totalmente inativo. É por isso que podemos facilmente aceitar que as pessoas que se transformam em animais, ou na existência de criaturas fantásticas como dragões, em sonhos, sem pensar que isto seja estranho ou bizarro.

Pesadelos são comuns particularmente no início da noite, e os sonhos agradáveis são mais frequentes pouco antes de acordar. Pesadelos, como todos os sonhos, assumem os matizes da vida e, em períodos de dificuldade, os pesadelos também são mais comuns, levando alguns a supor que o sonho é uma espécie de ‘descarga mental’ de poderosos estados emocionais vividos durante o dia.

Recém-nascidos passam até 80% do seu tempo sonhando, e os padrões cerebrais associados com o estado de sonho foram encontrados em fetos de cinco meses. Como os povos aborígenes sabiam, este estado de sonho é associado com os primeiros movimentos do bebê no útero. Nos sonhos normais, a pessoa não percebe que está na verdade sonhando.

Há também uma categoria de sonho lúcido, quando, durante o próprio sonho, uma pessoa se torna consciente de que está de fato sonhando, e tem um grau de controle consciente sobre o assunto e a direção do sonho.

O sonho lúcido pode ser associado a uma ‘experiência fora do corpo’ (N.T.: EFDC – em inglês ‘*Out of Body Experience*’ – OOB) na fronteira entre o sono e sonho, tendo um estímulo semelhante aos relatados por pessoas que têm ‘experiências de quase morte’ (N.T.: EQM – em inglês ‘*Near Death Experiences*’ – NDE). Tais experiências ‘fora do corpo’ são mais comuns do que os psicólogos imaginam.

Minha segunda memória mais antiga é o nascimento de meu irmão caçula Chris, e está associada a uma saída específica da memória corporal que se tornou especialmente vívida na minha imaginação.

Tal como acontece com experiências OOB ou NDE, os sonhos lúcidos podem produzir mudanças permanentes em valores de uma pessoa e nas suas crenças, inclusive causando alterações permanentes de personalidade, com um profundo sentimento de estar conectado e valorização de toda a vida, maior autoestima e compaixão pelos outros, senso de significado e propósito e um desejo de aprender e contribuir significativamente para o mundo.

O sonho lúcido contribui muito no processo de *Dragon Dreaming*. Ele nos ajuda a superar a separação construída pela nossa cultura entre ‘eu’ e o ‘outro’. Esta competência é absolutamente necessária para a Grande Virada, para constituir uma Cultura de amparo à vida do futuro. Também ajuda as pessoas a encontrar uma resposta pessoal a questões como “Qual é o propósito da minha vida?” ou “O que significa tudo isso?”

As pessoas podem treinar a capacidade de sonho lúcido. Como eu mencionei acima, a intencionalidade ajuda, especialmente se apenas antes de dormir você conscientemente mantiver uma forte intenção de estar ciente enquanto você está sonhando.

Com este poder, você pode se tornar um ‘sonhador perspicaz’ e ser capaz de mudar o seu sonho, no meio da experiência. Igualmente, se você tem um sonho desagradável, é possível ter sucesso em noites sucessivas ou, na mesma noite e no mesmo sonho, reentrar no sonho com a intenção de descobrir uma resposta para o que o sonho realmente significa. Recentemente, por exemplo, eu sonhei, durante a Conferência sobre Mudança Climática, em Copenhague, que estava num prado à beira de uma floresta, e um homem tinha uma arma apontada para mim. “*Não quero levar um tiro*”, eu disse a mim mesmo, “*isso não é aceitável*”. Imediatamente, um grande cão preto saltou sobre o homem, agarrando seu braço e desviando a arma. Mais tarde, no mesmo sonho, perturbado por que alguém tentou atirar em mim, eu sonhei em encontrar o homem em um bar e perguntar por que ele estava tentando atirar em mim. Ele disse: “Bem, você sabe o que Gandhi disse:” “*Primeiro eles te ignoram, depois te ridicularizam, então eles te atacam, e então você ganha!*” “*Eu estava a atacá-lo*”. O sonho fazia sentido porque eu estava participando de um fórum sobre mudança climática, e neste fórum havia

uma pessoa que negava veementemente a mudança climática, atacando verbalmente e de forma violenta qualquer um que expressasse uma visão contrária à sua.

Em todos estes casos, na visão ocidental dominante, vemos tais sonhos como puramente subjetivos, como sendo experiências irreais.

Os aborígenes australianos têm uma visão semelhante à nossa, no que concerne à realidade e subjetividade do tempo linear sequencial, movendo-se do passado para o presente e deste para o futuro, mas eles vêm ‘o sonho’ de forma contrária à nossa cultura. Como Albert Einstein, eles sabiam que o tempo linear é uma experiência puramente relativa e subjetiva, não é absoluto e objetivo como o nosso conceito newtoniano dominante do tempo sugere. Aborígenes teriam concordado com Einstein, que demonstrou que *“a distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, mesmo para uma pessoa teimosa”*. Explicando a teoria da relatividade, Einstein disse: *“Quando você está cortejando uma bela garota, uma hora parece um segundo. Quando você se senta em uma brasa incandescente, um segundo parece uma hora. Isso é relatividade”*.

Os aborígenes também acreditavam, baseados em evidências, que a nossa experiência de tempo linear é totalmente relativa e subjetiva, criada como resultado da consciência dividida entre o ‘eu’ pessoal e um ‘outro’ externo, encontrada na nossa memória inicial. Eles acreditavam que isso se tornou um ponto de ancoragem, em torno do qual nós organizamos o nosso passado, e daí o nosso futuro. É esta divisão do eu e do outro, e a organização correspondente do passado e do futuro, que cria a nossa visão subjetiva do tempo linear.

Antes disso, acreditavam eles, toda a nossa existência real era encontrada objetivamente ‘no Sonhar’. Os escritores ocidentais dizem que os mitos e lendas aborígenes se reportam de alguma forma a eles mesmos no passado, mas as histórias de sonhos aborígenes não são algo do passado, embora provenham dele também. Ao serem recontadas, são trazidas para o presente e, deste modo, ficam disponíveis para o futuro.

Os sonhos não eram fixos por todo o tempo, mas flexíveis e adaptáveis a novas circunstâncias e realizações. A cada anoitecer retornamos ao Sonho, da mesma forma que entramos em um lapso do sonho inconsciente no fim da vida, quando nos confrontamos com o mistério cada vez mais próximo da nossa não existência, retornando ao Sonho. Estes achados são consistentes como as experiências OOB e NDE, tal qual confirmadas na psicologia moderna, e completamente consistentes com as crenças dos aborígenes australianos.

Assim, *“Aborígenes acreditam em duas formas de tempo, duas correntes paralelas de atividade. Uma delas é a atividade linear diária, a outra é um ciclo infinito espiritual chamado de ‘Tempo do Sonho’, mais real que a própria realidade. O que ocorre no Tempo do Sonho estabelece os valores, símbolos e leis da sociedade aborígene. Acreditava-se que algumas pessoas com poderes espirituais incomuns tinham contato com a hora do sonho.”*<sup>14</sup>

“O Sonho”, nos estudos modernos, muitas vezes se refere ao ‘tempo antes do tempo’, ‘tempo fora do tempo’ ou ‘tempo da criação de todas as coisas’, como se fosse o passado. Mas o sonho, como já mostrado, em um sentido real também está no presente e no futuro. O ‘Sonho’ aborígene também preserva as possibilidades de estranhas metamorfoses e viagens no tempo, por vezes encontrados em sonhos entre animais, humanos e até mesmo em objetos inanimados, semelhantes aos dois exemplos que dei acima.

Isto é semelhante à experiência do filósofo taoísta Chuang Tzu, que afirmou que na noite passada *“Sonhei que era uma borboleta, voando ao redor do céu, e então eu acordei. Agora eu me pergunto: Eu sou um homem que sonhava ser uma borboleta, ou sou uma borboleta sonhando que eu sou um homem?”*. Esta vivacidade dos sonhos é especialmente verdade para as crianças. Lembro-me que, quando aos sete anos de idade, eu tinha sonhos de voar tão vívidos que passei uma manhã na praia correndo por um caminho e saltando, enquanto meus irmãos e irmãs estavam brincando na água.

## O SONHO ABORÍGENE, A ECOLOGIA PROFUNDA E O SER ECOLÓGICO.

Esta capacidade para os seres humanos se transformarem em outros animais, ou para os demais animais tornarem-se humanos, é, portanto, simplesmente explicada pela importância cultural dada à natureza do Sonhar. É fundamental, para o “Conselho de Todos os Seres” criado por John Seed e Joanna Macy. A clara

intersubjetividade dos sonhos, em que sujeito e objeto não estão claramente marcados, não é encontrada apenas em mitos aborígenes. Os sonhos oferecem a todos os seres humanos uma fonte potencial de *insight* ou introspecção visionária, inspiração criativa, e expansão da autoconsciência.

Sonhar também é encontrado nos mais profundos estados de meditação relatados pelos praticantes do budismo tibetano. Neurologistas que estudam tais métodos de meditação profunda descobriram que a ressonância magnética do cérebro mostra uma diminuição generalizada do consumo de energia nos meditadores, e um equilíbrio entre as áreas de atividade cerebral, particularmente entre os hemisférios direito e esquerdo, especialmente em partes do hemisfério esquerdo, que é responsável por manter a ilusão da existência separada de um 'eu' discreto do 'outro'. O mestre zen vietnamita Thich Nhat Hanh descreve essa intersubjetividade ou 'ser interior' em seu poema evocativo:

*Não diga que eu vou partir amanhã  
porque até hoje eu ainda estou chegando  
Olhe profundamente: eu chego em cada segundo  
Para ser um broto num galho primaveril  
para ser um pequeno pássaro, com asas ainda tão frágeis  
aprendendo a cantar em meu novo ninho  
para ser uma lagarta no coração da flor  
para ser uma joia que se esconde na pedra  
Eu estou chegando, a fim de rir e de chorar,  
a fim de ter medo e esperança,  
o ritmo do meu coração é o nascimento e a morte de tudo que está vivo.  
Eu sou a libélula metamorfoseando-se sobre a superfície do rio,  
e eu sou o pássaro que, quando a primavera chega, chega a tempo de comer a libélula.  
Eu sou o sapo nadando feliz na água clara do lago,  
e eu também sou a cobra da grama,  
aproximando-se em silêncio, para se alimentar do sapo.  
Eu sou a criança de Uganda, toda pele e ossos,  
minhas pernas finas como varas de bambu,  
e eu sou o mercador de armas vendendo armas mortais a Uganda.  
Eu sou a garota de 12 anos, refugiada em um pequeno barco,  
que se atira ao mar depois de ser estuprada por um pirata do mar,  
e eu sou o pirata, meu coração ainda incapaz de ver e amar  
Eu sou um membro do Politburo, com abundância de poder em minhas mãos,  
e eu sou o homem que tem que pagar sua "dívida de sangue" ao meu povo,  
morrendo lentamente num campo de trabalhos forçados.  
Minha alegria é como a Primavera, tão cálida que faz as flores florescerem em todas as esferas da vida.  
Minha dor é como um rio de lágrimas, tão cheio que enche os quatro oceanos.  
Por favor, me chame pelos meus verdadeiros nomes,  
para que eu possa ouvir meus gritos e minhas risadas de uma só vez,  
assim eu posso ver que a minha alegria e dor são uma só.  
Por favor, me chame pelos meus verdadeiros nomes,  
para que eu possa acordar,*

*e assim a porta do meu coração poderá ser deixada aberta,  
a porta da compaixão.*

Por Favor, Me Chame Pelo Meu Verdadeiro Nome.  
Por Thich Nhat Hahn

A consciência da intersubjetividade parece ter sido uma característica fundamental dos sistemas de crenças de muitos indígenas dos 'primeiros povos'. O Chefe Seattle, em sua declaração ao Presidente dos EUA, em 1854, reconheceu claramente que a cegueira dos europeus para a intersubjetividade do que hoje reconhecemos como um 'sujeito ecológico' foi uma grande fraqueza e poderia resultar na destruição dos sistemas de suporte dos quais toda a vida depende.

Esta consciência também foi encontrada em culturas indígenas europeias. Amergin, o bardo druida da antiga Irlanda cantava:

*Eu sou um Veado: de sete dentes  
Eu sou uma inundação na planície  
Eu sou um Vento: sobre as ondas  
Eu sou um Rasgo: o sol deixa cair  
Eu sou um Falcão: acima do penhasco  
Eu sou um Milagre: entre flores  
Eu sou um Mago: mas eu que defino a cabeça fria em chamas?  
Eu sou uma Lança: que ruge por sangue  
Eu sou um Salmão: em uma piscina  
Eu sou um Enganador: do Paraíso  
Eu sou uma Colina: onde andam os poetas  
Eu sou um Javali: cruel e vermelho  
Eu sou um Infrator: desgraça ameaçadora  
Eu sou um Espinho: abaixo da unha  
Eu sou uma Maré: que se arrasta até a morte  
Eu sou uma Criança: quem, mas eu espio do arco tosco do dólmã?  
Eu sou o Ventre: de cada bosque  
Eu sou a Chama: em cada colina  
Eu sou a Rainha: de cada colmeia  
Eu sou a Sombra: para cada cabeça  
Eu sou o Túmulo: de toda a esperança*

Embora exista desde o início de nossa própria cultura, a intersubjetividade ou 'interser' foi perdida no mundo moderno. Esta é uma valorização da nossa cultura urgentemente necessária e precisamos recuperá-la, se quisermos alcançar o início de uma Cultura de Vida Sustentável e sobreviver para além do século XXI. Caso contrário, corremos o risco de sofrer aquilo que o astrônomo real britânico Martin Rees nos advertiu que poderia ser "O Último Século Humano", como estamos neste momento a desencadear a sexta megaextinção, causando a morte de até 50% da vida no planeta ao longo dos próximos cinquenta anos.



Na cultura aborígine, Sonhar era um fenômeno construído sobre esses movimentos e que levaram à apreciação profunda do nosso parentesco com toda a vida. Os Aborígenes também sabiam que o tempo linear é subjetivo, não uma experiência objetiva. Sonhar, através de suas estranhas justaposições, foi considerado por aborígenes **como sendo a fonte de toda criatividade**. Não é por acaso que a nossa língua refere-se a sonhos como o nosso ‘anseio mais profundo’. Nossos sonhos estabelecem a estrutura através da qual construímos as pontes, as trilhas cantadas e narrativas de nossas vidas diárias.

Isso confirma a abordagem à criatividade de Arthur Koestler, que acreditava que a criatividade ocorre como resultado de reunir diferentes quadros de referência, normalmente mantidos separados<sup>15</sup>. Como o estado de sonho nos leva a confiar em coisas que são estranhas, enquanto aliena as coisas que são irrefletidamente confiáveis.

Os anciãos Noongar do Sonho Aborígine, conhecidos como *Djinagabee* ou ‘Pés de Pena’, certamente reuniram os três arquétipos – do sábio, do artista e do coringa – considerados por Koestler como a epítome da criatividade, juntos em uma união poderosamente evocativa. Como com muitas outras grandes descobertas científicas, mais uma vez a ligação de Sonho e criatividade foi dada por Einstein, que depois de anos de cálculos infrutíferos, de repente, teve a solução para a teoria geral da relatividade revelada em um sonho “*como um dado gigante fazendo uma marca indelével, um enorme mapa do universo descrito em uma visão clara.*”<sup>16</sup>. Assim como para Einstein, **Sonhar era para o povo aborígine um meio de acessar a consciência coletiva do seu povo<sup>17</sup> que deu sentido ao mundo, e do qual veio toda a arte, música, dança e celebração.**

*“Alguns dizem que o sonho é um reino espiritual que satura o mundo visível com significado, que é a matriz do ser; que é o momento da criação, que é um universo paralelo que pode ser acessado através do desempenho ritual de música, dança e pintura, que é uma rede de histórias de heróis...”*

*“Não é certo, no entanto, dizer que o período de criação está no passado, porque é um passado que é eterno e, portanto, também presente. Antepassados afundam, mas também emergem e passam através dos sítios. Em outras palavras, uma jornada ancestral, ou história, se torna um lugar, e esse lugar tem passado, presente e futuro ao mesmo tempo.”*

*“Para o povo aborígine orientado tradicionalmente, o Sonhar abrange e envolve este tempo de memória viva, que nele afunda. O tempo afunda em um lugar no País.”*

*“Cada local sagrado contém uma fonte potencialmente ilimitada de determinadas espécies deixadas lá por um ancestral. Mas para assegurar a sua geração contínua, é necessário o ato cerimonial. Se isso não for feito, ou não for feito corretamente, este estilo de vida acabará por desaparecer...”*

*“A Terra é sagrada e consciente, não é um contraponto para o céu. O Céu e a Terra são incorporados em conjunto, no mesmo plano. Um país está saturado na consciência. Ele reconhece e responde às pessoas. Isto depende das pessoas”.*<sup>18</sup>

Mas mesmo esta visão é uma distorção. A crença implícita e não declarada de Davidson de que o mundo não era sagrado e espiritual, ou que a matéria era de alguma forma morta e inerte e desprovida de espírito vivo, tem uma origem ocidental e não é um conceito aborígine. Assim os ancestrais realmente e literalmente retornam para locais específicos da Terra a partir do qual surgiram, uma Terra que os sustentava cada vez que respiravam. Esta é uma afirmação real do que é real, e não uma crença ‘espiritual’ desconectada.

Assim, como Inga Chedinnen escreveu sobre o Sonhar Aborígine:

*“Eles também desenvolveram estruturas de pensamento móveis – edifícios intelectuais tão abrangentes que cada criatura e planta tinha o seu lugar dentro deles. Eles viajavam leves, mas levavam atlas, enciclopédias ambulantes de história natural. Eram Sherazades, também, porque este conhecimento complicado não era escrito, mas alocado nas mentes humanas através de canções, danças e histórias.”*

*“Observações detalhadas da natureza eram transformadas em drama pelo desenvolvimento de narrativas múltiplas e de muitos níveis: narrativas que ajudavam a memorizar as intrincadas relações entre fenômenos observados. Essas narrativas dramáticas identificavam fatores recorrentes e, portanto, o atemporal e o significativo dentro do fugaz e do idiossincrático.”*

*“Elas também eram muito humanas, carregadas de significado moral, com emoção e com humor também – afinal, as criaturas do Sonho não eram divindades austeras, mas seres falíveis que construíam o mundo e tudo nele, enquanto agiam como criaturas. A cultura aborígene tradicional fundia solidamente áreas de conhecimento que os europeus ‘naturalmente’ mantêm separadas: ecologia, cosmologia, teologia, moralidade social, arte, comédia e tragédia – o observado e o imaginado ricamente se fundiam em um conjunto harmonioso”.*<sup>19</sup>

Chedinnen continuou *“W. E. Stanner chamava o ‘Tempo de Sonho’ de Duradouro, ou Permanência, palavras que Stanner preferia em detrimento do mais familiar ‘Sonhar’, que ele pensava lembrar por demais um conto de fadas”.*

Mais tarde, em sua própria série de palestras, ele se referia a isto com o ‘Todo Quando’<sup>20</sup>. O professor e estudioso zen budista vietnamita já mencionado, Esp Nhat Hanh, chama isso de ‘Interexistência’ e sugere que é de vital importância para a cura de nós mesmos no mundo. Na última seção, brevemente mostrei como esse conceito é necessário na Grande Virada, para voltarmos a habitar o tempo. Einstein também entendeu isso. Desta forma, Sonhar é parte do padrão final atrás do padrão – o padrão que liga os sistemas vivos. Em sua Teoria da Relatividade Especial, através do seu ‘Continuum do Espaço-Tempo’, Einstein compreendeu o ‘Todo Quando’ com uma visão do tempo como estando em todos os lugares totalmente presente, de uma forma muito parecida com a interpenetração do tempo e do país dos aborígenes.

## SONHO E SUSTENTABILIDADE

Mas a espiritualidade aborígene foi ainda mais longe do que Einstein. Não era apenas um conjunto de equações científicas. Era vivo e ecológico, bem como de natureza física. Baseava-se na importância de suprir sua necessidade de alimento sem degradar o meio ambiente do qual dependia. Viver em um ambiente tão frágil como na Austrália mostrou aos aborígenes que, se eles se tornassem ‘Comensais Futuros’<sup>21</sup>, os comedores de seu próprio futuro como temos feito, não haveria comida no futuro.

Como Chedinnen mostrou, os *“aborígenes se sustentavam em delicado equilíbrio entre a população e o abastecimento de alimentos, através de uma contenção do consumo e coreografados movimentos sazonais.”* Estes movimentos foram determinados pelas ‘Linhas da Canção’, que Bruce Chetwin descreveu como

*“... o labirinto de caminhos invisíveis que correm por toda a Austrália e são conhecidos pelos europeus como as ‘Trilhas de Sonho’ ou ‘Linhas da Canção’, para os aborígenes como as ‘Pegadas dos Antepassados’” ou o ‘Caminho da Lei’”.*

*“Os mitos de criação aborígenes falam do ser lendário totêmico que andava sobre o continente no Tempo do Sonho, cantando o nome de tudo o que cruzasse o seu caminho – pássaros, animais, plantas, rochas, nascentes – e assim cantando trazia o mundo à existência.”*<sup>22</sup>

Robyn Davidson escreveu sobre as ‘Linhas da Canção’ quando ela diz que

*“Muitos ancestrais diferentes criaram um país, viajando através dele conhecendo-se uns aos outros. Dessa forma, um determinado país é compartilhado por todas as criaturas que ali vivem, suas essências surgindo do Sonhar, e a ele retornando. Algumas ‘Trilhas do Sonho’ atravessaram muitos países, interagindo com os locais onde foram e conectando lugares distantes uns aos outros. Assim, o pulso de espalhar a vida, como um batimento cardíaco, leva sangue através do corpo do continente – nó / caminho, nó / caminho – tanto quanto, e às vezes através do mar...”*

Isto leva a um comportamento muito diferente em relação a como é tratado o ambiente natural. O reconhecimento de parentesco com toda a vida, amplamente demonstrado cientificamente com a descoberta de que somos todos descendentes do Último Ancestral Universal Comum (N.T.: [LUCA – Last Universal Common Ancestor](#)), alguma bactéria pioneira que viveu há mais de três e meio bilhões de anos atrás, leva a uma condição de respeito, como você poderia mostrar aos membros da sua família biológica imediata.

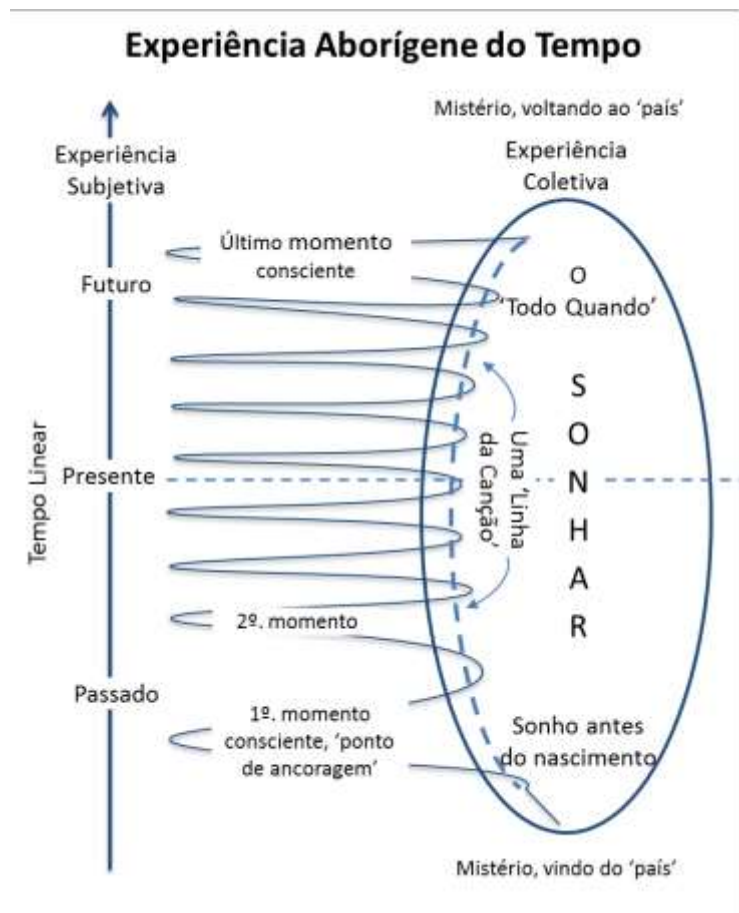
Ian Tarrant, em seu livro 'Sob a Árvore Carley', relata uma experiência quando, acompanhado de um ancião aborígene, se deparou com uma árvore carregada de frutos. Os dois homens começaram a colheita da abundância. Tarrant estava ocupado colhendo todos os frutos de um galho, quando ele notou que seu companheiro tinha parado e estava olhando para ele com perplexa indulgência. "Por que você parou?" Tarrant perguntou. "Porque precisamos deixar frutos para os outros em nossa família", foi a resposta. Tarrant perguntou: "Quais outros?" Sabendo que não havia ninguém em um raio de centenas de quilômetros. "Os outros animais e insetos, que também dependem destes frutos", ele disse.

Desta forma, o parentesco com os outros animais da 'Linha da Canção' criou uma cultura que não pega e pega e pega do ambiente, deixando um vazio atrás, mas garante que o suficiente seja deixado para todos. Precisamos de uma tal sensibilidade, tornarmo-nos cientes de que a Terra está prestes a mudar rapidamente, porque ela tem sido usada como um fornecedor inesgotável de recursos e um poço sem fundo para os nossos resíduos. A atitude de respeito e serviço profundo à Terra, demonstrada pelo cuidado dos guardiões aborígenes com o seu país, precisa ser construída em cada projeto e atividade *Dragon Dreaming*. Nós todos precisamos trabalhar em serviço à Terra, para incentivarmos o florescimento e bem-estar de toda a vida, porque somos uma parte da Terra e a Terra é uma parte de nós. O que fazemos com a Terra fazemos a nós mesmos. E como visto acima, desertos vazios são o resultado de não tomarmos esses cuidados.

Acreditava-se também que as 'Linhas da Canção' colocavam "os espíritos dos nascituros e determinavam as formas da sociedade humana"<sup>23</sup>. Na cultura *Noongar Wadjuk*, dos aborígenes que viviam em torno de Perth, acreditava-se que os espíritos dos nascituros descansavam em determinadas grandes rochas nas linhas da canção, chamadas *Booyar*, e quando uma mulher casada, que já era sexualmente ativa, desejava conceber, ela deveria passar a noite em uma dessas pedras, e os espíritos de crianças ainda não nascidas iriam visitá-la em seus sonhos.

Tão forte era a crença de que essa intencionalidade era suficiente para limitar a gravidez, que funcionava como uma forma psicológica de controle de natalidade para as mulheres que ainda não estavam preparadas para serem mães. Os homens não eram autorizados a visitar esses locais, e tinham que se afastar imediatamente, se inadvertidamente tivessem se aproximando de um destes locais considerados como 'negócio secreto das mulheres'. Em *Goonininyup*, um local sagrado perto de Perth, os europeus rolaram essa pedra para o rio, na tentativa de evitar que os aborígenes visitassem o local e assim, inadvertidamente, em sua ignorância, tornaram muitas mulheres locais inférteis.

Quando o bebê se move no ventre pela primeira vez, a mãe considera que é o país sobre o qual ela está de pé, a 'Linha da Canção' em que descansam seus pés, que optou por ativar o feto, e ele começou o seu sonho. Quando nasce, é dito à criança que este lugar é o seu país, não como um ato de posse, no sentido da Europa Ocidental, mas no sentido de que ela é guardiã, uma zeladora responsável por essa parte da 'Linha da Canção' e, ao invés de 'possuir' a canção ou história, ela é em um sentido real a personificação dela – tanto proprietária da história quanto propriedade desta. Os artistas aborígenes só estão autorizados a pintar os Sonhos com os quais eles têm



uma relação social<sup>24</sup>. Desta forma, uma ‘Linha da Canção’ se relaciona também com o próprio destino de uma pessoa ou sua história individual na sociedade e em relação à Terra.

Em *Dragon Dreaming*, muitas vezes é uma boa ideia dar às pessoas a chance de explicar suas próprias *Songlines* pessoais, que os levaram juntos a trabalhar em um projeto comum. Estas *Songlines* são delas, com base em experiências pessoais, interpessoais e sociais anteriores. Reuniram-se em sua própria vida e talvez na vida de seus pais ou outras pessoas com quem se encontraram e trabalharam ao longo de sua vida. Tal *Songline* dá sentido à história pessoal que agrega as vivências de toda uma vida. Outras pessoas, ouvindo e respeitando essas histórias, sem julgamento, dão à pessoa a chance de ser compreendida, reconhecida e celebrada por quem ela é e pela singularidade de sua viagem que a trouxe a este lugar e tempo no aqui e agora, o coração do ‘Todo Quando’.

Isso me lembra duma ocasião em que, após ter criado um ‘plano de jogo’ para um determinado projeto na comunidade aborígine de Halls Creek, no extremo nordeste da Austrália Ocidental, um velho ancião aborígine, que estava sentado em silêncio no fundo da sala durante a maior parte do processo, veio com um sorriso perplexo e me tomou pela mão, levando-me para o saguão de entrada do edifício em que estávamos trabalhando.

Havia na parede um magnífico trabalho de cinco metros de altura de arte aborígine. “Eu fiz isso”, disse. “É parte do meu sonho”. Ele apontou para trás no diagrama confuso do projeto que estava trabalhando. “Você acabou de criar um novo sonho, *Songlines* novas para o nosso país.” Com seu jeito discreto, que ele havia me mostrado que *Dragon Dreaming* é mais do que criar um jogo de tabuleiro para a criação de projetos tremendamente bem-sucedidos. É um mapa de um território sagrado e secreto, que mostra como somos parte deste mundo, sempre fomos e sempre seremos. E em *Dragon Dreaming* este encontro entre eu e o outro, entre o pensamento e a ação, ligando Sonho e Celebração ao nosso Planejamento e Execução de uma maneira que sempre ocorre em um lugar específico – um país que continuará a existir por muito tempo após nossa partida, e do qual somos apenas guardiões temporários.

## DESCOBRINDO SUA SONGLINE PESSOAL

A Tradição Noongar dos povos do sudoeste da Austrália Ocidental viu a criação como um produto de “*Karl*” ou “*Garl*”, o fogo. É o fogo do leste, o Sol, que começa no dia, e o retorno do Sol após a estação fria e molhada de *Makuru*, associada com o florescimento de Djilba, e a vinda da ‘ave comedora de mel’ de mesmo nome, que marcou a virada do ano. O lugar onde o fogo era aceso na lareira, era o ‘*Karlup*’, um lugar da segurança e da celebração no final do dia. As pessoas que se reuniram em torno do *Karlup* formavam o ‘*Karlupgur*’, as pessoas com quem você tem parentesco, compartilhando comida, história, música e tomando decisões em conjunto.

O *Karlupgur* não era um grupo fixo, mas muitas vezes uma reunião temporária, um lugar de encontro, onde as pessoas poderiam se juntar com os outros. *Karlupgur* muitas vezes tinham a mesma forma que a oficina *Dragon Dreaming*. Eles se reuniam em um semicírculo ao redor do fogo ou *Karl*, porque a direção em que o vento estava soprando, iria também determinar a direção que a fumaça seguiria. Em um *Karlupgur*, as pessoas podiam vir de várias direções diferentes, e tinham muitas histórias diferentes para contar.

A verdadeira natureza da celebração é a maneira pela qual a transformação de sua prática leva à transformação de você como um indivíduo. É a maneira em que seu conhecimento se torna a verdadeira sabedoria do tipo que estivemos falando acima, a sabedoria na forma como você age no mundo, e como isso leva para o mundo agindo em e através de você.

Eu muitas vezes começo uma oficina *Dragon Dreaming* com a descoberta, partilha e celebração de cada *Songline* pessoal, como forma de Celebrar as pessoas que se reúnem nesta oficina.

Pelo que descrevi acima, na cultura aborígine, cada pessoa era a guardiã de um ‘Sonho’ altamente personalizado, desenhado sobre a terra em que viviam. Era uma parte importante da transformação do ‘Auto Conhecimento’. “Conheça-te a ti mesmo”, (γνώθι σεαυτόν ou *gnōthi seauton*) uma das duas grandes injunções do templo de Gaia em Delphi, mais tarde assumida por Apolo, era a fonte para descobrir seu *Songline* pessoal.

Realmente ‘conhecer a si mesmo’, nesse sentido, envolve um profundo sentimento de celebração pessoal, uma transformação espiritual em que você procura orientar-se para a compreensão de suas próprias percepções fenomenológicas da realidade, de modo a ter uma visão séria e significativa para os aspectos de sua própria existência.

O sentido teológico de “Conhece-te a ti mesmo” implica uma revolução do espírito experimental. A *Songline* pessoal dos povos aborígenes foi determinada pelo movimento de suas vidas entre o tempo linear da memória de volta para o sonho, a fonte de criatividade e significado, e vice-versa. Este tear em movimento na tapeçaria da vida cria um ‘filamento’, ou uma ponte, entre o mistério que havia antes do nascimento e aquele que se seguirá após a sua morte. Na oficina eu recebo pessoas em primeiro lugar para se conectar com a respiração e visualizar estes dois mistérios como um vazio em que a ponte de corda da sua vida se estende. Uma vez que as pessoas estão ligadas a este filamento, nós a trazemos à realidade da prática a seguir relatada.

Acreditava-se, na mitologia grega, que estes filamentos foram dados pelas três ‘Fatalidades’ ou *Moiras*, diante de quem até mesmo Zeus, o rei dos deuses, era impotente.

**Cloto** era a fiandeira do fio da sua vida: em uma oficina *Dragon Dreaming* esta pessoa segura a bola de lã ou de corda que é a fonte da *Songline*.

**Larchesis** era a medidora de sua vida. Ela segura a vara de medição, que determina a duração da sua vida, que indica o comprimento, ou quanto tempo a sua ponte de corda dura entre o nascimento e a morte. Eu costumo definir de antemão um comprimento da corda de medida que essa pessoa segura para mensurar as vidas.

**Atropos**, ou a inevitável, tem a tesoura, e quando ela corta o fio, este determina o momento exato de sua morte. Eu levo as pessoas a respirar e concentrar-se nisso, porque o Buda disse: “*Uma coisa é certa na vida, a nossa morte, outra coisa é incerta e que é o momento em que esta morre ocorre. Da consciência destas verdades vem a iluminação*”.

Primeiro meça um comprimento de fio (de lã ou corda é perfeito) entre quatro metros (para um grupo mais velho) a seis metros (para um grupo mais jovem) de comprimento. Isto se torna a ‘medida’ para a pessoa que irá assumir o papel de Larchesis.

O corte do seu segmento por uma mulher, assumindo o papel de Atropos, determina o momento do nascimento para a próxima pessoa do ciclo, e na oficina eu encontro a próxima pessoa no momento da morte de seu vizinho, para dar gratidão e graças à sua existência, e para honrar a sua passagem, pois dá espaço para uma nova vida na Terra. Gaia consome e recicla tudo que nela há; da morte sempre vem uma nova vida.

Depois de ter sido dado o cordão sagrado de sua vida, eu convido as pessoas para dividi-lo ao meio com um nó, e depois dividi-lo em quartos. À medida que a esperança média de vida nos países desenvolvidos está em quase 84 anos, cada nó representa cerca de 21 anos de sua existência. Eu, então, levo as pessoas a amarrar ainda outro nó que representa o seu momento presente ao longo deste fio.

Em nossa cultura, a palavra ‘misterioso’ (*Weird*) significa estranho ou diferente. Mas o *Songline* que lhe foi dado está intimamente relacionado com o *Wyrd* do inglês arcaico, que se refere à forma como ações passadas continuamente afetam e condicionam o futuro, e também como o futuro afeta o passado. O conceito de *Wyrd* destaca a natureza interligada de todas as ações e como elas se influenciam mutuamente. De fato, para uma verdadeira compreensão, é fundamental que o *Wyrd* seja visto como um mistério conceitual, seu destino, onde as marés e as notícias de tempo e atemporalidade de fluxo estão a se entretecer sempre, de todas as formas, entrelaçando-se na tapeçaria do tecido do ser e não-ser no fio da sua vida pessoal.

Em seguida, eu peço para as pessoas escreverem em um *post-it* uma breve descrição ou fazer um desenho de sua lembrança mais antiga nesta vida, e anexá-lo ao local apropriado na linha. Fazer isso auxilia que as pessoas entrem em contato com sentimentos que surgem a partir dessa memória. Estes sentimentos podem colorir intensamente e determinar a direção para a tomada de decisões futuras em todo o curso de sua vida.

Então, peço para considerar as três maiores alegrias de suas vidas e anexar estas nos lugares apropriados, mais uma vez se conectando tão profundamente quanto possível com os sentimentos que surgem dessas alegrias.

Em seguida, vêm os três maiores sofrimentos, a fonte de suas feridas mais profundas. Muitas vezes tentamos manter essas feridas escondidas. Lembro-me de minha esposa Vivienne, que sofreu muito nas mãos de seu pai, que por sua vez foi profundamente ferido por ter crescido na Alemanha nazista dentro de uma família pró-fascista. Minha esposa deixou a família e não teve contato com seus pais por muitos anos, chegando ao ponto de se recusar a falar alemão, sua língua materna.

Em um seminário sobre Psicologia Sagrada com o Dr. Jean Houston, o psicólogo que conversou com os astronautas em seu retorno da Lua à Terra, Jean de repente virou-se para Vivienne e pediu-lhe para falar em alemão com outro participante, um homem que também tinha sofrido algo semelhante. Vivienne a princípio se recusou, mas depois Jean explicou que rever essas feridas dar-lhe-iam uma visão única do mundo, importante para compreender quem ela era, e a difícil compreensão do mundo que ela havia forjado, oferecendo um presente a seu trabalho na cura do nosso mundo. O conceito do curar feridas é antigo, e nós todos fomos feridos de várias maneiras. É uma parte do ser humano que vive nestes tempos e nesta cultura.

Tendo celebrado e lamentado as feridas que sofrem, então eu peço que as pessoas pensem sobre os três maiores pontos de mudança nas suas vidas. Estes pontos de inflexão, que podem não ter sido especialmente importantes no momento, em retrospectiva representam momentos de *'Kairos'* quando o tempo torna-se uma encruzilhada, e você se torna consciente de que, talvez alterando um pequeno passo, você poderia ter ido por um caminho completamente diferente. A *'Kairos'* é um tempo entre eles, um momento de tempo indeterminado em que algo especial e de outra forma inexplicável acontece. Assim como *'Chronos'* é a passagem do tempo linear, é *'Kairos'* que conecta e reconecta-nos de volta ao nosso sonho. Marque seus pontos de viragem *Kairos* e anexe-os nos lugares apropriados ao longo de sua *Songline*.

Olhando para esses dez ou mais pontos, procure perceber agora como você gostaria de ser lembrado quando da sua morte. Qual qualidade, trabalho, dom ou característica aqueceria seu coração se esta fosse a coisa que as pessoas mais se lembrassem de você. Escreva isso em outra nota de *post-it*, e anexe no final do seu *Songline*.

Agora olhe para trás para considerar o momento presente. Olhando para tudo o que você criou em sua vida, as pessoas que conheceu, as circunstâncias que levaram ao momento presente e o sentido para o qual a sua vida aponta. É isso que você está procurando? O que se busca é encontrar as verdadeiras motivações, que podem estar ocultas atrás de mentiras, para vir e participar de uma oficina *Dragon Dreaming*.

Depois de ter respondido a estas perguntas, você estará pronto para compartilhar um pouco do seu *Songline* com um vizinho, da mesma forma que ele compartilha com você. Ao ouvir a sua história, praticando escuta profunda e celebrando o dom da jornada única que está sendo oferecida, à medida que vocês estão ouvindo sobre a sua vida um do outro. Neste mundo o valor é muitas vezes determinado pela escassez. O *Songline* que você está ouvindo é único neste universo. Se pudéssemos tratar uns aos outros com o verdadeiro valor da nossa singularidade, este mundo poderia ser um paraíso.

Eu sempre convido as pessoas para manter sua *Songline*, para levar para casa e compartilhar com outros em sua vida. Assemelha-se a uma bandeira tibetana de oração, com diferentes cores marcando os eventos de sua vida. Convido as pessoas a pendurá-la em um lugar de destaque e adicionar a ela itens, de tempos em tempos, quando a vontade ou o *insight* vem.

Na cultura aborígine, as *Songlines* encontram-se e são conectadas a partes específicas do 'Todo-Quando' (*Everywhen*). Tais pontos de encontro eram profundamente sagrados, e apontados como os locais de encontro onde diversas *Songlines* convergiam. Esses locais eram frequentemente locais de *Karlupgur*, pontos de encontro importantes em mitos e lendas aborígenes, mas também pontos de encontro no presente e no futuro.

Por destino ou acidente, ou talvez ambos, os *Songlines* de todos os participantes de uma oficina *Dragon Dreaming* vieram juntas, como se fosse por um encontro marcado em determinado momento e lugar. No *Karlupgur* da oficina *Dragon Dreaming*, compartilhamos histórias e canções de aprendizagem e de celebração, e tomamos decisões sobre o nosso futuro, em conjunto ou separadamente. A partilha deste sonho, a fonte que os impulsionou a vir a este lugar e momento particular, é um lugar poderoso que para iniciar a oficina de *Dragon Dreaming*. Depois de todos terem feito seu *Songline*, eu encorajo as pessoas a aproveitar o momento presente e, segurando-o com cuidado, colocá-lo o mais próximo possível do centro do nosso círculo, com sua viagem para

a oficina, e a viagem desconhecida para longe, viajando ao longo da sua *Songline*, criando uma representação visual da riqueza da experiência adquirida na sala.

Rastrear as viagens que os indivíduos fizeram em uma única grande folha de papel também cria uma obra de arte que pode ser revista e revisitada ao longo do resto do tempo em seu projeto conjunto, e pode ser um bom lugar para olhar para a "jornada além" ao final do workshop *Dragon Dreaming*. No final destes exercícios, a partilha de "Experiências Aha!" ao passar a bola de cristal ou o 'bastão da fala' em torno do círculo, é uma ótima maneira de descobrir as transformações pessoais da *Songline* de sua vida, e de vir a valorizar profundamente os outros que compartilham a sua história conosco.

### Notas de Tradução:

---

A tradução para o português, revisão e divulgação deste e de outros textos de John Croft é fruto de uma iniciativa colaborativa e voluntária que endossa a ética de Crescimento Pessoal, Formação de Comunidades e Serviço à Terra – encontramos em *Dragon Dreaming* contribuições significativas para as mudanças necessárias à nossa sociedade.

Alguns termos usados por John Croft não são passíveis de tradução direta, ou implicam em perda de sentido quando traduzidos para um diferente contexto cultural. Nossa opção, como regra geral, foi por buscar manter os termos aborígenes na mesma grafia do original, assim como alguns neologismos, como:

*Everywhen* – todo momento, ou 'todo quando', refere-se à singularidade do contínuo espaço-tempo.

*Songlines* – as 'linhas da canção', 'linhas encantadas', 'trilhas cantadas' ou 'caminhos sagrados', se referem tanto às trilhas físicas percorridas pelos aborígenes na paisagem australiana, quanto às trilhas rituais e sendas espirituais por estes traçadas.

*Karlup* – local de encontro sagrado aborígene, ao redor de uma fogueira (*karl*), e ponto de entrecruzamento de diversas 'Songlines'.

---

Se você deseja colaborar ou conhecer mais, acesse:

**Dragon Dreaming Brasil** – <http://www.dragondreamingbr.org>

Dragon Dreaming Brasil no Facebook – <https://www.facebook.com/groups/107192366047436/>

Dragon Dreaming Internacional – <http://www.dragondreaming.org/en>

Fichas técnicas em inglês – <http://dragondreaming.iimdo.com/sources-1/john-croft-fact-sheets/>

### Notas de Fim:

1 Bateson, Gregory

2 Macy, Joanna and Brown Molly "Coming Back to Life:" and Kortton, David "The Great Turning"

3 Diamond, Jarrod "Collapse: How Societies Succeed or Fail"

4 The "boiling frog principle" states that if you place a frog into hot water he will immediately escape and so save his life. But if you place him in cold water which you heat slowly, he will stay in the water and boil to death.

5 Mendick, Sara and Erdman, Mark (2006), "Take a Nap: Change Your Life" (Workman Publishing Company)

6 Wiley, T.S. (2001), "Lights out: Sleep, Sugar and Survival" (Atria)

7 <http://www.iranian.com/Iranica/Sept97/Dream/index.html> retrieved 1st April 2009

8 Kelly Bulkeley, quoted in "The Dreamscapes of Nightmares; why we dream at all" <http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9B07E4DA1539F930A15753C1A9619C8B63&sec=&spon=&pagewanted=print> retrieved 1st April 2009

9 Miller, Patricia Cox (1997), "Dreams in Late Antiquity: Studies in the Imagination of a Culture" (Princeton Uni Press)

10 Bulkeley, Kelly (2008), "Dreaming and the World's Religions: a comparative history" (NYU Press)

11 Johnson, Robert A. (1989) "Inner Work: Using Dreams and Active Imagination for Personal Growth" (Harper One)

12 Von Franz, Marie Louise (1998), "Dreams: A Study of the Dreams of Jung, Descartes, Socrates, and Other Historical Figures" (Shambhala)

13 Webb, Craig (1995). "Dreams: Practical Meaning & Applications". The DREAMS Foundation.

14 Wolff, Fred Allen (1994) "The Dreaming Universe" quoting from Peter Weir's movie, "The Last Wave"

15 Koestler, Arthur (1964). "The Act of Creation." (Arkana)

16 Brian, Denis, (1996), "Einstein: A Life" (John Wiley and Sons)

17 C.G.Jung called it the "collective unconscious", but that is mainly because our post-enlightenment has repressed much that formerly we used, into our sub-conscious realm, calling it superstition. Altered states of experience have been used, as Stan Groff shows, by most cultures, to give us awareness of interconnectedness beyond what we get by our rational left brain, but our culture has marginalised, pathologised and criminalised such activities.

18 Davidson, Robyn, (2006) "No Fixed Address: Nomads and the fate of the planet" (Quarterly Essay, Issue 24, 2006, p14-15)

19 Inga Clendinnen, (1999 ) "Inside the Contact Zone: Part 1", ABC Boyer Lectures, December 5,

20 Stanner, W. (1968) "After the Dreaming" (ABC Boyer Lectures)

21 Flannery, Tim (2002), "Future Eaters: an ecological history of the Australasian lands and people" (Grove Press)

22 Chatwin, Bruce (1987), *The Songlines*, (Jonathan Cape, and Vintage)

23 Molyneaux, Brian Leigh & Piers Vitebsky (2000). "Sacred Earth, Sacred Stones: Spiritual Sites And Landscapes, Ancient Alignments, Earth Energy." (London, England: Duncan Baird Publishers.)

24 Were *Songlines* a form of geomancy or mathematical geometry? This is unknown. There has been work done on the mathematics of "Group Theory" in relation to Aboriginal kinship systems. For example, many Aboriginal groups (like the Noongar) divided people by moiety (into halves). Thus you were either a Wardungmat (Crow leg or lineage) or a Manitjmat (White cockatoo leg or lineage). This is a little like Yin and Yang but it does not apply to gender. Crows had to marry cockatoos and vice versa. Daisy Bates shows that there were various subsections within these groups, but I am not sure whether subsections were exogamous or endogamous (marrying within or without). In the Noongar of Perth, children always took the same lineage as their mother. In Albany and Denmark amongst the Bibulmen and the Mineng, it was the lineage of the father that counted.

In addition, in many groups, particularly there was another system of age grades, what we would recognise as "generation levels". There was a prohibition of marrying someone outside your generation level, as they would be recognised as "mother" or "father" (even if they were younger than you). When all of this was put together it would establish a pattern, which geometrically looks quite beautiful. There were different patterns for different groups, and people recognised which group they came from by the differences in these patterns.

On top of this were the various "degrees" of initiation. Circumcision was not practiced amongst the Noongar, which is why the Desert Groups referred to the land of the Noongar as "the land of the boys" (they had not undergone the ceremony that sorts "the real men from the boys"). But there were at least three degrees of initiation amongst the Noongar. Joobaitj, who died in 1907, was the last third degree initiate of the Whadjuk Noongar of Perth.

I don't know how it worked with the Noongar of Perth, but in the interior, third degree initiates were called Djingabee, or "Feather Foots", and had the power, it was believed, to appear in two places at once. They also had the power of declaring certain places "off limits" especially for children, and to defy such injunction would lead to the person falling sick. They also had the power to "point the bone" at transgressors.

How does this relate to song-lines?

Christaller did work in Europe on the placement of different kinds of settlement of different sizes, based upon whether it was transport, administration or market towns that were most important. The best way to cover a space is by a series of equalateral triangles, as there will in such a pattern be the least amount of overlap. Aranging these triangles around a central point will create a series of interlocking hexagons. Song-lines as transport routes or story trails, intersected at various points and at these points there would be stories about how the two Dreaming heroes met. For example at Walyunga, outside Perth, there was such an intersection between the Waugal and the Djittidjitti (Willy Wagtail). If one was to plot such intersections for *Songlines*, I don't know if it would produce a pattern of hexagons and triangles or not. I do know David Mwarljali of the people outside Derby produced a map of Australia, showing it covered with song-lines and their intersections, but I cannot remember if this was in a pattern of triangles or not. It was more diagramatic than actual I suspect.

How does this relate to the kinship patterns? People got their "skin" through various ways that linked song-lines to kinship, and this was linked further to patterns of food taboo, that meant certain people were not to eat certain kinds of plants or animals related to your song-line. This would prevent over-killing of a particular kind of animal, and keep a refuge area for that animal, so it would never become rare or endangered, and that the population of that animal could increase once the people moved to a new area.